

A Raia Vazia

Análise de uma comunidade rural de orla fronteiriça em dois tempos (1936/2006)

Manuel Teles Grilo

CRIA

mtggd2@gmail.com

Pretende-se, neste texto, analisar uma comunidade rural de fronteira, partindo das especificidades das suas redes sociais, de modo a tentar compreender o papel identitário da vivência de orla para os seus habitantes. Para tal procurou-se caracterizar uma área da fronteira Portugal-Espanha em dois momentos distintos: na actualidade e nos primeiros anos da ditadura franquista em Espanha (Guerra Civil – 1936 a 1939 – e até 1947, ano dos últimos incidentes com forças anti-franquistas em Trás-os-Montes). Resulta de um trabalho de terreno efectuado em várias estadias entre os anos de 2003 a 2006, onde se procedeu a um conjunto de observações, recolhas de materiais orais (relatos; questionários; entrevistas: directivas e semi-directivas, anotadas e gravadas), de fontes locais (registos paroquiais, colecções particulares), complementada com investigação em arquivos (Arquivo Regional de Bragança, Torre do Tombo). Foi iniciado em conjunto com outros colegas e todos os trabalhos nas aldeias foram o resultado de uma equipa que variou entre dois e cinco elementos. O material daqui resultante foi recolhido por todos em conjunto, numa tentativa para que fosse, por um lado, mais completo e rico, e por outro, para que, a partir da reflexão conjunta, fosse sendo melhor compreendido e enquadrado. A metodologia adoptada privilegiou a observação participante, na tentativa de construção de um quadro qualitativamente representativo. O cruzamento dos dados recolhidos no terreno com fontes de outra ordem, como arquivos ou fontes históricas, permitiu adensar a informação, permitindo ir confirmando ou afastando tendências que se iam observando com o decorrer da investigação.

A comunidade trabalhada foram as três aldeias que constituem a freguesia de Pinheiro Novo, no concelho transmontano de Vinhais:¹

¹ Vinhais pertence ao distrito de Bragança. Todo o limite norte deste concelho (23 km) confina com o estado espanhol, províncias de Orense e Leão.

Pinheiro Novo, Pinheiro Velho e Sernande.² Geograficamente poderíamos dizer que a freguesia está na Galiza, dado que basta subir uma encosta razoavelmente suave para se passar às aldeias vizinhas galegas (pertencentes aos municípios de Vilardevós, Riós, A Gudinã e A Mezquita), enquanto que do lado português, há que transpor os profundos vales dos rios Rabaçal e da ribeira de Contim, tornando o acesso bastante difícil. As três aldeias formam um conjunto que é denominado pelos seus habitantes, bem como pelos vizinhos das aldeias próximas, como *Os Pinheiros*.

A sua população vive quase exclusivamente de actividades agrícolas, não se achando, no entanto, qualquer tipo de produção orientada para o mercado. Poucos produtos são vendidos para fora, sendo consumidos na comunidade. A população, em 2001 era de 127 habitantes³ para a freguesia, número que parece representativo do momento actual, embora as aldeias tenham vindo a perder população desde 1981 (de 281 habitantes, nesse ano, para menos de metade no último censo)⁴. Esta tendência é visível também em todo o concelho, que perdeu entre 1991 e 2001, 16,4% da população total.⁵

•

Apercebemo-nos, nas zonas de fronteira, de traços culturais que transbordam de um lado para o outro, criando laços sociais e identitários que transcendem a linha divisória política e que marcam profundamente o quotidiano dos que lá habitam.

As migrações, o contrabando, os refugiados, os guerrilheiros, são exemplos, entre muitos, de movimentos através da fronteira decorrentes e, ao mesmo tempo, construtores de redes sociais específicas. Estas zonas culturais, denominadas zonas de orla fronteiriça (Donnan e Wilson, 2000 [1998], 1999), bem como as suas características próprias, são de fundamental importância para percebermos a realidade local do contexto em estudo. As dinâmicas de fronteira em causa são uma face visível deste diálogo que envolve as escalas individuais, locais e macro-locais (regiões e Estado) nas suas relações com uma divisão política (a fronteira). Ao estudar as fronteiras deparamo-nos com fenómenos culturais autónomos

² A freguesia dista cerca de 30Km da sede do concelho e cerca de 80Km da sede do distrito)

³ I.N.E. (2001a)

⁴ I.N.E. (2001b)

⁵ I.N.E. (2001b)

decorrentes da tensão e conflito entre diferentes escalas sociais, do indivíduo ao Estado, passando pela aldeia ou pela região.

Desta forma, a análise de uma zona de orla implica uma abordagem que abarque o nível local, da comunidade e dos seus indivíduos, bem como os diversos níveis com que esta comunidade interage, cooperando ou transgredindo conforme os seus interesses e possibilidades, entendendo a fronteira como espaço de interacção entre Estados mas também como zona de interacções específicas entre os Estados e os indivíduos que a povoam ao longo do tempo. Interessa-nos aqui trabalhar o espaço onde se congrega uma quantidade significativa de traços culturais comuns entre populações divididas por uma linha política que separa Estados mas que, muitas vezes, não consegue separar nações, religiões, línguas ou práticas. Ou seja, não nos podemos ater somente ao local, pois nada entenderíamos sobre as dimensões cooperantes ou de resistência desta unidade em relação ao Estado; da mesma forma não nos poderíamos contentar em analisar a perspectiva dos Estados, pois ficaríamos apenas com uma visão burocrática e legalista de o que é uma fronteira. Ora, como uma fronteira é muito mais do que a soma dos indivíduos que formam as comunidades de fronteira, pelo jogo que estas envolvem ao nível dos Estados, e porque, simultaneamente, as regras desses “jogos de Estado” não definem os habitantes da fronteira, nunca poderemos estudar este fenómeno sem ter presente que ele se constrói, acima de tudo, na conjugação e confronto entre todas estas diferentes realidades. As fronteiras são zonas marginais de contacto entre Estados, mas são também zonas onde vivem populações; são zonas onde os Estados pretendem conter as suas características socio-culturais específicas, mas são também zonas de contacto entre as populações desses mesmos Estados, que partilham uma rede social e uma vivência ligada àquele espaço. Esta chamada área de orla, onde as redes sociais funcionam de um lado e do outro da raia, subverte a lógica de criação estatal das fronteiras, mostrando que estas falham, na maior parte das vezes e principalmente ao nível local, os seus objectivos históricos: a contenção de um *povo*, de uma *cultura*, de determinadas leis, entre outras características, dentro de um Estado.

A rede social constitui a visibilidade das interacções entre as pessoas que fazem parte da comunidade, bem como das diversas relações destas aldeias com o exterior (Boissevain, 1974). Assim, poderíamos dizer que a identidade da comunidade está na imagem que estas passam, através dos seus laços individuais, para si próprias e para o mundo. A identidade de cada um, nos seus diversos níveis, é jogada nesta área. É na rede social que as identidades se jogam, moldam e confrontam.

Deste modo, podemos inferir que uma rede social em que constatamos ter especificidades decorrentes da sua relação com a fronteira – *uma rede social de orla* (Godinho, 2006)– será constituída por indivíduos com uma marca dessa fronteira ao nível identitário. São os raianos que fazem a raia e que compõe um conjunto de relações com um carácter singular, dada a sua situação marginal e de encontro/separação entre dois países.

É também importante a dimensão temporal das fronteiras, as suas alterações, a sua permanência, os momentos em que separa e os momentos em que junta. Estudar uma zona de orla num momento único é manifestamente insuficiente para uma realidade que se mostra tão dinâmica. As fronteiras são uma inscrição de um tempo no espaço. Este tempo é mais uma vez diverso, consoante o nível de análise onde nos situamos: pode ser o tempo longo de um mundo rural aparentemente imutável ou o tempo brusco de uma guerra transfronteiriça. Um estudo sobre fronteira implica também, aqui, uma grande flexibilidade e a noção de que se terá de lidar com várias escalas.

Chegamos assim a um conceito de fronteira entre Estados como uma realidade espacial e temporal, criadora de uma área onde as relações sociais se articulam a partir da demarcação e da diferença entre esses Estados. Se acrescentarmos que estas zonas são, muitas vezes, desertificadas, longe dos centros de decisão, de certa forma marginais, podemos falar de fenómenos de resistência cultural associados às fronteiras. É neste contexto que as memórias de um passado recente, de pujança das estratégias ligadas à fronteira e do mundo rural em geral, se constituem num importante manancial identitário no presente. Estas memórias configuram hoje, em muitos aspectos, a vida nestas comunidades, seja na forma como as pessoas vêem o mundo, seja na maneira como se relacionam com ele. Assim, a rede social encontra-se marcada pela lembrança de como era, actuando em função de referências que, se não desapareceram, estão em claro declínio: é o caso da agricultura, da pastorícia, do contrabando, das trocas de trabalho ou do isolamento, entre outros.

•

Quando fomos a primeira vez em trabalho de campo, sabíamos que a zona tinha sido atingida de alguma forma pela Guerra Civil de Espanha, devido à proximidade da raia. Esta proximidade proporcionava também o estudo das dinâmicas próprias da fronteira. As primeiras fases da investigação no terreno relacionaram-se assim com a recolha de memórias

relativas aos dois temas, remetendo-nos para um período que, sendo bem determinado no que diz respeito aos acontecimentos da Guerra Civil Espanhola, estendia-se, também, por um longo tempo em que a fronteira se foi fazendo sentir.

Relativamente ao período estudado, ele remete-nos para um passado que os interlocutores (que mais nos interessaram numa primeira fase) dominavam e ao qual se iam referindo, pois correspondia aos seus primeiros anos de vida e conseqüentemente às suas mais antigas memórias. Correspondia também a um tempo em que o mundo rural atingiu a sua máxima expressão e a partir do qual se começou a desintegrar, arrastando consigo um conjunto de dispositivos e estratégias próprias. O que se verifica na actualidade é que estas estratégias continuam a ser uma referência nos modos de vida da comunidade, através da memória do grupo, e apesar das profundas mudanças de que as vidas dos diversos intervenientes foram alvo.

Os quadros sociais destas memórias (Halbwachs, 1994 [1925]), ou seja, as cadeias de relações onde elas se formaram e foram sendo reconhecidas enquanto memórias do grupo, alterou-se dramaticamente. Mesmo assim, elas ainda servem para interpretar e classificar o mundo, constituindo-se como uma referência identitária importante. As redes sociais de outrora são reinterpretadas e aplicadas ao presente, que não consegue propor alternativas radicalmente novas, capazes de estancarem os processos de desertificação deste contexto. As identidades têm aqui uma forte componente rural, apesar da ruralidade estar em desintegração como estas pessoas a entendiam e viviam. A memória de um tempo em que o espaço onde viviam, a actividade que os ocupava e os outros com quem se relacionavam estavam ligados pela ruralidade, torna-se fonte de um imaginário comum que podemos constatar do contacto com os habitantes.

Ao fim de pouco tempo tornou-se, para nós, evidente a importância destas memórias para os habitantes destas aldeias. Evidentemente inscritas no passado, as recordações continuavam a exercer um papel importante no imaginário destas pessoas, ligando-as a um mundo que era o seu, mas também o dos seus pais e avós. Um mundo em muitos aspectos “imutável” durante uma grande parte das suas vidas, agora totalmente desaparecido, como veremos depois, quando tratarmos dos assuntos ligados ao processo de desruralização.

Podemos falar de um *corpus* de memórias que é utilizado por partes da comunidade em situações específicas, quase como uma receita. Esta face da memória, particularmente visível nos assuntos relativos à Guerra Civil, mostra-nos a importância destes conjuntos narrativos, no reconhecimento da comunidade enquanto grupo: *Isto foi o que nós passámos, nós somos isto que se passou.*

•

Os acontecimentos relacionados com a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), posicionam esta pequena freguesia num conflito historicamente marcante para o desenhar da 2ª Guerra Mundial e conseqüentemente da Europa moderna. Esses anos conturbados fazem parte da memória dos habitantes dos Pinheiros, que se recordam ainda (por vezes de forma traumática) do que aconteceu, ajudando a compreender melhor o conceito de orla, pois a situação de crise que geraram fez sobressair um conjunto de estratégias só possíveis num contexto fronteiriço.

A situação de orla fronteiriça, como proposta teórica aplicável à realidade dos Pinheiros, teve um papel preponderante na maneira como a comunidade local lidou com uma sucessão de eventos trazidos pela guerra. As solidariedades de raia fizeram com que os refugiados de primeira hora, os *fluxidos*, pudessem ser escondidos e mantidos, em torno e dentro das próprias aldeias, logo após o início do conflito. Da mesma forma as redes sociais transfronteiriças, permitiram posteriormente aos grupos de guerrilha anti-franquista aceder a esta zona, e nela se ir escondendo durante quase uma década.

A especificidade de uma rede social que entende as povoações vizinhas galegas, mais como “vizinhas” e menos como “galegas”, partilhando com elas as vivências, as experiências e as dificuldades responde assim perante uma situação de crise do lado espanhol: muitas das pessoas dos Pinheiros não puderam apagar os laços vivenciais e de cumplicidade que existiam de um lado e outro da fronteira, fazendo de um problema dos outros o deles, e tentando, como podiam, fazer-lhe frente (Grilo *et al*: 2004).

Eram vidas muito... não sei? Uma vida de quê? Ninguém chega à vida deles... eles coitadinhos andavam... eles quando vierem aqui eles já estavam pobres, eles estavam pobres. Eles estavam pobres enquanto tiveram dinheiro alguém houve que os acolheu e que os aproveitou do que traziam. Mas quando avançarem aqui eram pobres, já estavam pobres porque não tinham, a gente não podia dar porque não tinha (...), com as poucas possibilidades

*ajudávamos...não se podia!!! Não havia não havia possibilidade!!*⁶

Para os que tentavam escapar à repressão, nomeadamente quem estava perto da fronteira, a fuga para Portugal parecia uma hipótese razoável. A Raia Seca encheu-se, nesse Verão de 1936, de *fluxidos* de passagem para o exílio ou que simplesmente esperavam que os acontecimentos acalmassem para que pudessem voltar às suas terras. Do Barroso às aldeias raianas de Vinhais sucedem-se os relatos destas vagas de refugiados, que alguns autores situam em milhares de pessoas (Córton: 2004).

21 de Setembro 6

Chefe do Gabinete do Ministério do Interior

Tenho a honra de dar conhecimento a V. Ex.^a do teor do ofício confidencial n.º111, do Comando da 5.^a Companhia da Guarda Fiscal, desta cidade, hoje recebido neste Governo Civil:

“Comunico a V. Ex.^a que continua a haver sossego nas povoações espanholas fronteiriças. (...)

Muitos civis espanhóis, dentre eles confessos comunistas, têm andado a monte, constando-se que por vezes têm passado para território português e até sido ocultados nas povoações raianas, pelo que a Guarda Fiscal tem procedido a diligências em diferentes povoações para o fim de capturar tais indivíduos e tomar responsabilidade aos que os acoitam, resultando alguns dos últimos terem já sido multados pela Polícia Internacional.⁷

Para os que se lembram, é-lhes difícil (dir-se-ia mesmo irrelevante) estabelecer a diferença entre os que seriam refugiados (*os fluxidos*) da primeira hora e os grupos de guerrilha que nos anos seguintes se foram escondendo nas imediações. Em Sernande, por exemplo⁸, os habitantes estabelecem a diferença entre um primeiro momento em que os refugiados estavam mais à vontade, em que frequentavam a aldeia, nomeadamente ocupando casas desabitadas; e um segundo momento, marcado pelo

⁶ Adélia, Sernande (2003)

⁷ Arquivo Distrital de Bragança, fundo do Governo Civil, cx.0008, mç.27

⁸ Sernande teve, por diversas razões, mais actividade durante e após a Guerra Civil. Para além de estar rodeada de vales de difícil acesso, a aldeia era a primeira, a seguir a Pinheiro Velho, sem posto da Guarda Fiscal (polícia fronteiriça).

medo, quer de refugiados quer das populações locais, provocado pela intensificação das perseguições e das denúncias.

Porque a guerra acabou, muitos tornaram à terra deles... Mas aqueles que tinham feito mortes, esses não tinham perdão. Agora o que não tinha feito, voltaram...⁹

Este período foi marcado pela intensificação dos esforços dos estados (espanhol e português) em erradicar a resistência antifranquista que, desgastada por anos de luta e com sucessivos problemas internos, durou na região até à segunda metade dos anos 1940. Grupos de guerrilha percorreram este território da raia durante mais de dez anos,¹⁰ conseguindo nesse período ir escapando às autoridades dos dois países porque as suas dinâmicas, assentes num número reduzido de elementos por grupos (de seis a dez homens) e num sistema fluído de esconderijos e deslocações, estava intimamente ligada com fenómenos ligados à condição de orla deste espaço da fronteira, bem como à topografia do terreno (*o monte*).

Não, eles quando estavam por aqui estavam todos unidos. Tudo num grupo, mormentes na hora da comida, embora opois dormir fossem todos dormir uns a um sítio e outros a outros. Quando estavam todos juntos, porque às vezes podia vir a guarda pós prender, e se estava tudo junto caçavam-os todos, assim cada um safava-se por onde podia, oré? Agora por aí abaixo, ao correr do rio por essas rigueiras, isso também era quente por aí abaixo, mas fizeram muitas barracas...¹¹

Quando estavam nas imediações de Sernande, os guerrilheiros socorriam-se da população essencialmente para que esta lhes arranjasse alimentos, pagando com o que iam conseguindo roubar nas incursões a Espanha.

⁹ Sofia, Sernande (2003)

¹⁰ Na região, o último episódio com guerrilheiros deu-se em 1947, precisamente em Sernande, com uma grande operação conjunta portuguesa e espanhola (semelhante à que tinha sido feita no Cambedo da Raia, aldeia do concelho de Chaves (Córton, 2004; Godinho, 1993, 2004)) para apanhar um homem que estava escondido na aldeia. Nessa manhã de Outono, o povo acordou com os guardas (seriam mais de cem), e recorda ainda hoje os tiros de metralhadora, as granadas e o galego que ainda tentou escapar-se mas que acabou morto pelos tiros dos guardas. Foi a própria população que o enterrou na igreja de Sernande.

¹¹ Miguel, Sernande (2003)

Alguns criaram laços fortes com os habitantes locais, que ainda hoje se presentem:

Havia um que era um 'chastre'... Um alfaiate, em Espanha era um 'chastre'. Vinha aqui coser na nossa máquina, e tudo... Coziam pão também. Compraram aqui uma saca de pão, de farinha, aqui a uns senhores que estavam ali numa casa ao lado. E nem na venderem peneirada, venderem-na com o farelo e tudo. E cozerem aquele pãozinho com o farelo e tudo... Comiem-no, comiem-no! Eu já tinha os meus catorze, quinze anos. Andava com o gado... viviem numa choça que havia aí nuns lameiros. Viviem lá, cozinhavam lá, e tudo... E erem muitos, muitos... E às vezes um lá vinha conosco, até ao fundo da quinta. Quando íamos para a beira do monte, lá vinha um que gostava de ir conosco, conversar conosco e assim... Estavam lá muitos...¹²

*Havia outro que também andava aqui, não se distinguia da gente daqui de Sernande, e também deram parte dele (...)
Esteve muitíssimo tempo, foi quase dos primeiros que veio e ficou... Foi quase dos últimos (...). E remeterem-no e ficou bem, não no matarem...¹³*

O facto de não roubarem em Portugal, e fazerem questão de o anunciar, é muito recordado pelos de Sernande. É mais um sintoma desta cumplicidade entre redes sociais da raia e as dinâmicas guerrilheiras: a relação de confiança passava pela questão da resistência ao Estado, entidade que era aqui vista com distância. As pessoas ajudavam estes homens, que não punham em causa os seus bens pois só roubavam a quem os havia injustiçado.

Formou-se essa matilha para que pusessem nos refugiados. Mas os refugiados, assim que souberem que eles andarem nessa vidanha, disseram: 'não! que nós dentro de Portugal não o fizemos, nós roubamos na nossa Nação, na Espanha, porque não nos dão a liberdade de lá estar'.¹⁴

¹² Sofia, Sernande (2003)

¹³ Álvaro, Sernande (2003)

¹⁴ Miguel, Sernande (2003)

Foi a rede de solidariedade que se estabeleceu em diversos pontos da Raia Seca, para a qual foi determinante o facto de haver elementos naturais da região a actuar nas guerrilhas, que garantiu a permanência e o sucesso destes homens em fuga.

A G. Fiscal perseguiu ontem a tiro na serra de Montezinho, um grupo de 5 comunistas, sendo 3 espanhóis e 2 portugueses, que ali tentavam assaltar os pastores, os quais conseguiram refugiar-se em Espanha abandonado uma pistola de pequeno Calibre. Este grupo entrou em Portugal estando algum tempo nas proximidades de Espinhosela, donde é natural um dos portugueses que o compõe, de nome Mário e conhecido como perigoso bandido.

Acossado pela Guarda Fiscal (Conf. N.º 54 de 13 do corrente) retirou-se para a referida serra.¹⁵

Nos Pinheiros surge, por volta de 1941, uma quadrilha de indivíduos destas e de aldeias vizinhas que, aproveitando a agitação provocada pelas acções de guerrilheiros na raia, começa a agir por conta própria, realizando vários assaltos em Espanha. Foram descobertos quando começaram a actuar no lado português, violando o acordo tácito das guerrilhas de não fazerem assaltos neste território:

Depois começarem aí outros, diziem que erem os refugiados, vinhem das feiras que eles lhes saltavam ao caminho, e os refugiados andavam por essas zonas... Mas descobrirem-nos logo. Foram logo descobertos. Aquilo foi de repente: em quinze dias descobrirem-nos logo...¹⁶

As dinâmicas de orla funcionaram neste caso contra os refugiados, que viram a sua reputação posta em causa. Já a quadrilha, aproveitando-se da agitação, pôs em prática um plano que seria impensável sem a Guerra, numa altura em que o facto de todos se conhecerem fazia com que fosse difícil a um grupo de gente da terra organizar-se para fazer assaltos.

•

O isolamento das comunidades raianas rurais, anteriormente combatido através de um equilíbrio entre posse de terra e força de trabalho, jogado

¹⁵ Arquivo Distrital de Bragança, Fundo do Governo Civil ex.0008, mc27

¹⁶ Miguel, Sernande (2003)

ao nível das redes sociais locais transfronteiriças, tão pujante e activo nos tempos da Guerra Civil, é hoje agravado por um processo de desertificação.

Esta região assistiu, principalmente desde os anos 1970/80, a um decréscimo populacional que praticamente só deixou os mais idosos (e os poucos que não conseguiram ou não quiseram emigrar) a viver nas aldeias, fruto de transformações que ocorreram desde os anos de 1960 como a desruralização (Baptista, 1996), a emigração ou a livre circulação no espaço europeu,

Os Estados têm um papel decisivo na perpetuação deste declínio populacional, nomeadamente da população activa, ao exercerem um conjunto de forças centrípetas sobre as comunidades locais, que as tornam cada vez mais dependentes dos centros de decisão, no caso, Vinhais. Este fenómeno impede, actualmente, as comunidades de preencher o papel das micro-estratégias que organizavam o seu mundo no passado. Por outro lado, a região não consegue criar atractivos que chamem ou sequer fixem população, ilustrando o esquecimento do poder central, que marginaliza estas regiões. A escola, longe e obrigatória, afasta desde tenra idade as poucas crianças que restam às aldeias, fazendo com que a rede de sociabilidades se defina em termos das amizades criadas na vila. As relações de clientelismo periferia/centro vieram substituir as anteriores formas de territorialização da comunidade local.

O acentuado envelhecimento da população faz com que a maior parte das pessoas viva de pensões e reformas, além do dinheiro proveniente da emigração. Têm a vida preenchida ainda pelos ciclos agrícolas, mas a agricultura é praticada de uma forma que, tendo influência na estratégia de subsistência pessoal e da casa, é largamente complementada com a pensão do país onde estiveram emigrados, ou com remessas de familiares ainda fora. Assim, a agricultura é a forma que encontram de se manterem activos, fazendo o que sempre fizeram mas sem o ónus da exclusiva dependência da terra. Deste modo, um passado emigrante pode determinar uma inversão das hierarquias sociais do passado recente. Verificámos que as casas com mais posses foram as que deram menos e mais tardios emigrantes. Quem primeiro emigrou, que quase nada tinha na aldeia, regressou, com o capital das poupanças e muitas vezes com a reforma do país onde esteve. Com o contínuo declínio do mundo rural, as pessoas que ficaram vivem em grande esforço para vingar numa sociedade que se alterou por completo e da qual já desapareceram as redes sociais garantes da possibilidade deste modo de vida. A perda de

importância de uma agricultura que está fora de uma lógica de mercado e que de certa forma é vivida em relação a um passado que parecia tão estável há cinquenta anos atrás, desadequa os agricultores em relação à sociedade e coloca-os numa situação delicada, que os subsídios estatais não conseguem inverter.

Muitas vezes são homens, geralmente filhos mais novos, que ficaram de fora da emigração para cuidarem da casa na velhice dos pais. Com os irmãos emigrados, têm de assegurar toda a produção sem as redes sociais determinadas pela gestão das forças de trabalho ou seja, sem as trocas de trabalho entre casas como forma de garantir o máximo de exploração das terras disponíveis: o volume de trabalho torna-se assim inoportável. Acresce ainda o facto destas pessoas procuram integrar o máximo de rendimentos externos que conseguem através de trabalhos pontuais para vizinhos mais velhos, pelos quais são pagos, ou com a venda de lenha ou de gás. Presos à terra e sem capital, estes homens ficam de fora do mercado matrimonial que de si já é pequeno neste contexto. Como o Marco, do Pinheiro Novo, ou o Luís, do Pinheiro Velho, ambos lavradores, sendo o primeiro também pastor. Marco passa todos os dias com as ovelhas, tem cerca de trinta anos e diz que nunca emigrou porque o pai, com quem vive, chorou e lhe pediu para ficar, num dia em que já tinha o bilhete para ir ter com os irmãos a França. O segundo ficou a cuidar da casa até à morte da mãe, há dois anos. Agora vive sozinho e é rendeiro de muitas terras, além de ir fazendo trabalhos para pessoas da comunidade, valendo-se muitas vezes do tractor.

Se a abertura da fronteira ditou o fim do contrabando de pequena escala que configurava, para além de uma estratégia que aumentava as possibilidades de rendimento, um universo de relações próprias da orla, a adopção da moeda única foi a estocada final na economia informal que se aproveitava da diferença de divisas. Toda a lógica inerente à abertura das fronteiras, no quadro da UE, pôs em cheque o leque de estratégias transfronteiriças do passado, sem terem surgido meios para gerar novas.

A fronteira faz-se sentir como nunca para os raianos, na medida em que nunca foi um sítio tão indesejado como hoje. Dizem-nos que a raia ainda era uma coisa boa nos tempos de miséria, pois sempre permitia fazer algum dinheiro em comparação com o que se passava nas aldeias semelhantes do interior do concelho. Era, de alguma forma, uma sorte estar na raia, pois a localização representava um conjunto de possibilidades acrescidas. Hoje, para além da crise que se alastra a todas as zonas rurais, a raia tem de se debater com a distância dos locais onde o

seu futuro é ditado, seja Vinhais, Bragança, Lisboa ou Bruxelas. A marginalidade e a falta de soluções para sair dela (ou para se aproveitar dela, como antes), estão a mostrar-se fatais para a raia, principalmente no lado português, mais longe das ligações às cidades.¹⁷

As iniciativas institucionais que tentam inverter esta situação têm muita dificuldade em ajudar realmente as populações, muito em parte por não prestarem atenção, por não as conhecerem, ou por não quererem saber delas.

O desprezo pela realidade local fica perfeitamente demonstrado na ligação entre o Parque Natural de Montezinho e as populações. Quer pela não integração dos conhecimentos locais, por exemplo em relação às nascentes de água, quer pela rigidez da afirmação das normas de protecção das espécies, é difícil para um pastor demonstrar que uma ovelha sua tenha sido morta por um lobo para que venha a obter a devida indemnização, assim como é difícil justificar o abate de javalis, ainda que eles possam destruir sistematicamente hortas ou castanheiros jovens.

Também os subsídios europeus não conseguem ter uma eficácia a prazo, condição essencial para a resolução do problema da desertificação. Os incentivos são destinados a áreas específicas durante um dado espaço de tempo, findo o qual acaba o dinheiro, fazendo com que os projectos caiam no esquecimento ou que não estejam em articulação entre eles. Há estradas que só são feitas para aproveitar verbas que não tinham sido gastas e que não podiam ter sido utilizadas de outras formas. Do lado galego parece haver um excesso de instalações polidesportivas em concelhos na sua maioria envelhecidos. Mesmo quando surgem projectos de colaboração entre os dois lados da fronteira, resumem-se à distribuição de dinheiro, não actuando sobre problemas mais prementes como o transporte colectivo ou o desenvolvimento agrícola da região. A carência de transportes colectivos prende as pessoas à terra e, quanto à agricultura, não lhes é já permitido fazer o que sabem conquistando um modo de sobreviver, um lado no mundo. Mesmo os investimentos na área do turismo não são elaborados de acordo com as especificidades da região, que favoreceriam o contacto com a natureza, com a paisagem e com as pessoas. Muito menos surgem em articulação com o lado galego, devido à

¹⁷O lado galego da raia, nomeadamente os concelhos limítrofes dos Pinheiros – A Mezquita e A Gudiña – são há muito cruzados pela estrada Vigo – Madrid, complementada há cerca de cinco anos com uma auto-estrada, para além de passar, ali, a linha férrea Zamora-Ourense.

comunicação inter-estatal não ser feita ao nível local (mesmo uma estrada a unir duas aldeias esteve durante dez anos com os dois quilómetros do lado português por alcatroar).

A obsessão estatal em delimitar o território a que se associa enquanto nação, conduziu ao esvaziamento destas áreas, tornando-as em zonas fantasma, sem a força de gente que outrora edificou uma cultura de fronteira.

Hoje pode-se dizer, mais do que nunca, que ali acaba um país e começa outro sem as ambiguidades e as indefinições de outrora, que os raianos tão bem aproveitavam, subvertendo assim a lógica do Estado.

Ainda que, como vimos, a área de orla de que fazem parte as comunidades aqui estudadas, enquanto espaço de relações específicas, esteja em desagregação, somos confrontados no terreno com muitos fenómenos, uns de resistência, outros criativos, que se foram desenrolando por referência à fronteira. São resquícios e relações inventadas onde se nota como a presença de uma fronteira ainda desempenha um determinado papel, só compreendido se encarado e integrado neste espaço de orla e na sua História.

Desde logo a língua, um dos símbolos da orla, mantém-se como um importante factor de aproximação entre as pessoas de um lado e outro. Não falando estritamente a mesma língua, as populações integram os termos diferentes e têm as pronúncias do galego e do português muito semelhantes. Deste modo utilizam uma linguagem de raia que lhes permite entenderem e fazerem-se entender de um e do outro lado. As televisões dos países vizinhos sempre se puderam sintonizar na raia, constituindo um poderoso elo de união, ao pôr em contacto as duas realidades (no caso galego a TV tem-se instituído com ferramenta identitária, tendo contribuído para o ressurgimento da língua galega a partir das autonomias).

As comunidades continuam a fazer da translocalidade dentro da região uma estratégia para ultrapassar o isolamento. Assim as aldeias galegas ainda são um espaço de relação, tendo a ruralidade ou a memória a esta associada como ponto comum entre outros. Ainda se fazem negócios de um e outro lado, ou se ajudam os amigos nas suas vindimas, por exemplo. As solidariedades decorrentes do tempo em que a orla era mais viva e vivida ainda se reflectem hoje, como podemos inferir da ida de pessoas dos Pinheiros a funerais nas aldeias tanto galegas como portuguesas.

O roteiro das festas, momentos de exceção que entrecortam os calendários em dias precisos, é percorrido por pessoas das aldeias vizinhas, sejam de Portugal ou de Espanha. Ainda assim, são cada vez mais os momentos em que estas comunidades, varridas pela emigração, se refazem com a vinda dos emigrantes, que prestam uma grande vivacidade às aldeias nestes dias (como já se disse, geralmente no mês de Agosto).

As feiras estão em declínio, mas ainda se fazem compras do outro lado da fronteira pois ainda existem diferenças de preço. Os Pinheiros, por não terem comércios, não atraem pessoas do lado de lá, mas há quem vá a Espanha comprar (logo em A Mezquita, por exemplo, onde existem três mercearias e duas padarias/cafés) produtos que, ou não existem (como o pimentão para os enchidos) ou que são mais baratos, como a gasolina.

O lado espanhol constitui-se também como um espaço de lazer, no sentido em que apresenta muitos mais atractivos pelo facto de a zona raiana aí conter penetrações do urbano no rural mais visíveis (Rémy e Voyé, 1992) (A Mezquita, por exemplo, não sendo de forma nenhuma um centro urbano tem, ainda assim, um conjunto de equipamentos que não se vêem, em comparação com o que se passa em Portugal, nomeadamente em Vinhais, tais como um polidesportivo, piscinas, biblioteca ou rotundas). Quando se vai petiscar fora é a A Gudiña ou no Pereiro. A Mezquita tem dois bares, a que se juntam mais três em A Gudiña, duas discotecas e alguns cafés. A diversão nocturna só é possível no lado espanhol, que também tem uma grande oferta de casas de alterne – *os clubs* – muito procurados pelos rapazes e homens solteiros atestando a falta de mulheres novas nas aldeias. Estas estruturas ficam fora das povoações, em moradias aparentemente unifamiliares com algo parecido com uma discoteca em baixo e com quartos em cima, para onde as mulheres vão com os clientes. Este “subir as escadas” num *club* corresponde, deste modo, a ter recorrido aos serviços destas mulheres. Pode se ir a um *club* e não subir com ninguém, e é o que acontece muitas das vezes. Vai-se somente para conviver com mulheres, geralmente diferentes e exóticas (são maioritariamente mulheres brasileiras) numa lógica em que a dimensão física, por si só, é insuficiente para explicar. Este fenómeno, da prostituição transfronteiriça, constitui-se numa das demonstrações de como a fronteira estaria ainda disponível para novas apropriações. Presos à dura vida da agricultura dos dias de hoje, sem perspectivas de casamento nem de saída, os celibatários da aldeia percorrem regularmente um percurso de *club* em *club* que os pode levar

tão longe como até à zona de Verín, uns quarenta quilómetros para Oeste, junto da raia com Chaves. Estes contactos produzem grandes efeitos nos homens, que fantasiam sobre as mulheres e que vão a um *club* específico para estarem com determinada mulher. O facto de tudo se passar em Espanha, durante investidas nocturnas, fá-los sentirem-se resguardados do apertado controlo social da aldeia, ainda que estas idas a Espanha sejam aceites pela maior parte da população¹⁸. A questão dos *clubs* é mais ou menos tolerada pela comunidade, que compreende a escassez do mercado matrimonial e onde a construção hegemónica de género (Vale de Almeida, 1995), nomeadamente masculino, permite e de certa forma até encoraja este tipo de práticas. Entre os homens são temas de conversa as gabarolices e as peripécias das *noites de brasileiras*, ao passo que as mulheres se furtam ao assunto, afirmando não gostar mas pouco podendo fazer.

A diversão nocturna aponta-nos alguns caminhos que a orla vai tomando. A maior parte deles são consequência de um incremento da mobilidade nos últimos anos: a auto-estrada que cruza todo o sul da Galiza passa a doze quilómetros dos Pinheiros e as próprias estradas que ligam a freguesia a Espanha foram bastante melhoradas. Por outro lado, com a democratização do automóvel, este chegou às aldeias, fazendo sair mais os que nelas habitam. Ir a Ourense é quase tão prático como ir a Bragança e ir a A Gudiña é certamente mais rápido do que chegar a Vinhais, tendo em ambos os casos, o lado espanhol, muito mais a oferecer.

Uma outra face das novas estratégias transfronteiriças que se apoiam numa mobilidade acrescida, surge da emigração. Algumas pessoas, aproveitando a subida do nível de vida em Espanha, nomeadamente na Galiza,¹⁹ têm vindo a arranjar trabalho no país vizinho. Com isto conseguem obter maiores rendimentos do que se trabalhassem em Vinhais, estando igualmente próximos de casa. Nos Pinheiros existem os

¹⁸ Um acontecimento recente provocou porém algum escândalo, quando um lavrador trouxe *duas brasileiras* para a sua casa, não saindo à rua durante três dias. Ainda assim o que os comentários mais sancionavam era a falta de cumprimento dos deveres, nomeadamente o do tratamento dos animais que não saíram da loja.

¹⁹ A Galiza sempre foi uma das regiões mais pobres de Espanha, comparável a Trás-os-Montes, tendo sido até uma zona que foi fornecendo mão-de-obra para o lado português (nomeadamente para Lisboa e para o Douro, no século XIX). Hoje, com a maturidade das autonomias dentro do estado espanhol, o desenvolvimento e a maior proximidade do mundo institucional com as pessoas, as aldeias galegas vêm-se com mais condições do que a generalidade das de Trás-os-Montes, nesta zona da raia.

exemplos da filha de um casal de lavradores que trabalha em O Canizo numa pensão e que vem a casa uma vez por semana, bem como de um camionista que tem base em Espanha. Em aldeias vizinhas existem vários homens que trabalham na construção neste país, sendo apanhados pelo táxi dos Pinheiros na estrada, em A Gudiña, quando vêm a Portugal.

O outro lado volta a atrair, ainda que as regras do jogo tenham mudado. A mobilidade dita agora o futuro da orla, desligando-a da área que podia ser percorrida a pé ou a cavalo, pulverizando-a ao longo das estradas que a põe em contacto com o mundo e que a levam a outros lugares. A lógica que regia a forma como se dava a territorialização na orla foi alterada: já não se vê tão bem no mapa pois existem mais sítios vividos num tempo menor, com conexões diferentes entre eles. Quem pesca e caça (por exemplo) procurará os sítios que lhe interessa (lojas, rios, associações) e se estiver do lado de lá da fronteira construirá relações de orla com base nesse gosto, de uma forma diferente de quem use o país vizinho para compras ou para sair à noite. Elementos contemporâneos como o telemóvel ou a *internet* tornam a questão mais complexa ainda, levando-nos a concluir que a utilização da fronteira não é hoje tão homogénea como no passado, estilhaçando-se em inúmeros usos, mas é também menos intensa ao não suportar as complexas redes sociais que antes configuravam toda uma maneira de viver.

•

A inclusão do material relativo aos episódios que ocorreram entre 1936 e 1947 surge na medida em que constitui uma análise mais densa, um exemplo, de um período em que ficou exposta a cadeia de redes que constitui um espaço de orla fronteiriça. Num tempo e numa vertente específicos, a fronteira revelou-se completamente como espaço de fusão, de mistura, de ambiguidade, desafiando as lógicas estatais e sobrepondo a estas laços de solidariedade e relacionamento locais. Os acontecimentos relacionados com a Guerra mostraram como as estratégias locais superaram forças de repressão fortíssimas segundo uma lógica que punha em causa as ideias de soberania e de nação. Foi um momento de crise, excelente para demonstrar o que é uma fronteira, no sentido de espaço de orla fronteiriça, pois pôs em evidência um leque próprio de reacções, específicas da orla e legíveis nas narrativas relacionadas com *fluxidos* e guerrilheiros.

Tentou-se aqui compreender, em dois momentos cronológicos, uma comunidade rural de orla na perspectiva de entender que reflexos teve e

como operou o conjunto de mudanças que, ocorridas num contexto global, ditaram profundas alterações na comunidade estudada. A desruralização do país, resultante na emigração e esvaziamento geral do mundo rural, marca o presente desta região, desvitalizando-a gradualmente num processo que, no caso, está numa fase adiantada e longe de se inverter, provocando a desertificação de toda a zona.

Pouca gente: menor intensidade e criatividade das redes sociais, a raia viu ainda o seu fim oficial destituindo a orla das estratégias que constituíam a sua especificidade e que promoviam o contacto entre os dois lados da fronteira, nomeadamente, o contrabando, por onde passava uma parte das redes de relações sociais transfronteiriças. A raia já não representa uma mais - valia, deixou de seduzir as pessoas. Cada vez mais a vida destas terras é determinada em Bragança, Ourense, Madrid ou Lisboa, por administrações que estão desligadas da realidade local e que continuam a marginalizar a região. A sangria de pessoas de contextos como o aqui trabalhado fica-se a dever, em grande parte, à acção centrípeta do Estado que não promove a fixação de pessoas localmente, atraindo-as para onde estão as alternativas de actividade, nomeadamente ao nível dos sectores secundário e terciários da economia, ou seja, nas cidades. Outros exemplos destas forças são, por exemplo, as redes de escolas e de cuidados de saúde, que continuam a centralizar-se mais e mais, ou a falta de ligação com o parque nacional.

A comunidade define-se, nas representações locais, referida ao passado dos tempos de pujança agrícola, quando havia trabalho e pessoas. Esta memória continua a forjar no presente formas de entendimento do mundo, pois foi no seio delas que se formou a identidade da maior parte das pessoas desta comunidade. Se a memória intervém na construção das identidades, ela toma também parte nas relações sociais: é a memória da comunidade. É portanto um processo com duas vias, pois é nestas memórias colectivas que os indivíduos se reconhecem enquanto grupo e onde ao mesmo tempo vão beber os elementos que lhes servirão na construção da sua identidade. Mas se as identidades se constroem em relação à representação do passado, esta é contraditória com um país que mudou radicalmente nos últimos cinquenta anos e ao qual estão mais ligadas do que nunca.

Esta contradição entre o contexto global e as referências identitárias locais foi o que mais rapidamente se impôs quando se começou a analisar o terreno de estudo e, ao fim de três anos, continua a evidenciar-se nas representações dos habitantes da comunidade. É sintoma do abandono e

marginalização que, aliadas ao despovoamento, pintam de negro o futuro da região. Sem elementos novos que revitalizem as relações sociais, nomeadamente as transfronteiriças, as pessoas continuam a usar no quotidiano um quadro identitário e social referente ao *antigamente*, entrando em conflito com o contexto macro, onde estas redes do passado já não têm lugar.

É um círculo, em que a falta de possibilidades de inovação social resulta da ausência de propostas deste exterior (global) que asfixia o local. As identidades que se definem localmente cada vez menos adequam as pessoas ao que se passa globalmente, tornando a vida na aldeia impraticável. Por seu turno, as ideias que surgem para a revitalização da região passam pela consolidação da imagem para o exterior da região, assente numa visão patrimonializante do passado. Esta linha reinventa o passado, limpando-o e cristalizando-o e apresentando-o como depositário das qualidades (da identidade) da região. Só se pode proceder assim com o que já não existe. Não se consegue passar uma ideia apetecível de um mundo rural com a fome e a miséria que sabemos ter existido se esse mundo ainda tivesse alguma vitalidade.

Falámos aqui de memórias e vimos como estas são importantes para a construção das identidades e para a morfologia das redes sociais locais, desapossadas das referências de sempre, para sempre alteradas pelos processos associados à desruralização. A memória põe em diálogo o leque e relações do passado com a construção das redes sociais do quotidiano. Os quadros sociais desta memória estão em dissonância com o exterior. Exterior este que define cada vez mais estas micro regiões em desertificação acelerada, não proporcionando aos que nelas habitam referências novas que lhes permitam de novo articular as aldeias com o mundo mais global.

FONTES e MATERIAIS

Conjunto de entrevistas gravadas na aldeia de Sernande em 2003 (Adélia, Álvaro, Miguel, Sofia - nomes fictícios)

A.A.V.V. (1911 - 2006); Registos Paroquiais de Baptismo, Casamento e Óbitos de Pinheiro Novo

ARQUIVO DA PIDE/DGS (1941); *Processo Crime 926/41*; Arquivo Nacional da Torre do Tombo; Lisboa

ARQUIVO DA PIDE/DGS (1946) *Processo Crime 917/46*; Arquivo Nacional da Torre do Tombo; Lisboa

ARQUIVO DISTRITAL DE BRAGANÇA; Fundo do Governo Civil; Correspondência secreta do Governador; Caixa 8; Mç 27; Bragança

I.N.E. (2001) *Censos 2001, Norte*;

Em:

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=377623&PUBLICACOESmodo=2; acedida em 1/10/2008

I.N.E. (2001) *Censos 2001 – Resultados preliminares para a Região Norte*;

Em:http://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=91949&att_display=n&att_download=y; acedida em 1/10/2008

BIBLIOGRAFIA

AAVV (2004); *O Cambedo da Raia – 1946- Solidariedade Galego-Portuguesa silenciada*; Asociación Amigos da Republica; Ourense.

BAPTISTA, Fernando Oliveira (1996); “Declínio de um tempo longo”; in BRITO, Joaquim Pais e outros (coord.) (1996); *O Voo do Arado*; Museu Nacional de Etnologia; Lisboa

BOISSEVAIN, Jeremy (1974); *Friends of friends - Networks, Manipulators and Coalitions*; Basil Blackwell; Oxford

CORTÓN, David (2004); “Cambedo 1946: Notas para situar a tragédia”; in A.A.V.V. (2004); *O Cambedo da Raia – solidariedade galego-portuguesa silenciada*; pp.45-66; Edição Associação Amigos da República; Ourense

DONNAN, Hastings e WILSON, Thomas M. (1999); *Frontiers of Identity, Nation and State*; Berg; Oxford

DONNAN, Hastings e WILSON, Thomas (2000 [1998]); *Border Identities: Nation and State at International Frontiers*; Cambridge University Press; Cambridge

GODINHO, Paula; (1993) *O Grupo do ‘Juan’ e a Importância da Rede Social*; in Trabe de Ouro (separata); tomo IV; ano IV; Gotelo blanco; [sem referência ao local de edição];

GODINHO, Paula (2004) “‘Maquisards’ ou ‘Atracadores’? – A propósito das revisões da História no caso de Cambedo da Raia, 1946” in A.A.V.V. (2004); *O Cambedo da Raia – solidariedade galego-portuguesa silenciada*; pp 157-227; Edição Assosiação Amigos da República; Ourense

GODINHO, Paula (2006) [no prelo]; *Ouvir o Galo Cantar Duas Vezes: Identificações locais, culturas de orla e a construção de nações na fronteira entre Portugal e a Galiza*

GRILO, Manuel, PEREIRA, Manuel, e PIECHO, Filipa (2004); “Sernande, memórias de fronteira: A fronteira na construção e representação das identidades numa aldeia do nordeste transmontano”; in *Lethes: Cadernos Culturais do Limia*, Xosé Badas Fernández (Coord.); n.º 6; Inverno 2004/05; Centro de Cultura Popular do Limia; Ourense; pp. 94-107

HALBWACHS, Maurice (1994 [1925]); *Les cadres sociaux de la mémoire*; Librairie Alcan; Paris

RÉMY, Jean e VOYÉ, Liliane (1992 [1994]); *A Cidade: rumo a uma nova definição?*; Afrontamento; Lisboa

VALE de ALMEIDA, Miguel (1995); *Senhores de Si. Uma interpretação antropológica da masculinidade*; Fim de Século; Lisboa